

O CURSO DE BIBLIOTECONOMIA ORGANIZADO PELO BRITISH COUNCIL,
EM LONDRES E SHEFFIELD

1. Correspondendo ao desvanecedor convite que me foi dirigido pela Direcção dos *nosso*s Cadernos, apresento aqui aos Colegas um pequeno resumo do que foi o Curso de Biblioteconomia organizado pelo British Council em Londres e Sheffield, durante o passado mês de Setembro, e no qual tive a oportunidade de tomar parte graças à concessão que me foi feita, pelo Instituto Britânico do Porto, de uma das quatro bolsas de estudo que, anualmente, põem a concurso entre os seus alunos dos cursos mais adiantados (Lower, Proficiency e Diploma). Normalmente essas bolsas destinam-se a custear a frequência de cursos intensivos de língua inglesa, mas no meu caso especial — e já que a entidade organizadora é a mesma — o Instituto Britânico do Porto deu-me a escolher uma das duas hipóteses seguintes: ou um mês numa cidade à minha escolha, para frequência de curso de língua inglesa ou vinte dias no Curso de Biblioteconomia. Como se compreende, não havia hesitação possível e daí a minha comparência em Londres para participar, juntamente com mais 27 Bibliotecários oriundos de 17 países além do nosso, desse Curso a todos os títulos notável e compensador.

2. Como já atrás ficou dito, tomaram parte neste Curso 28 Bibliotecários vindos de 18 países, estando, porém, em grande maioria a representação europeia, já que, desses 18 países, 11 eram europeus. Não será demais sublinhar, aqui e agora, o espírito de sã compreensão e de camaradagem que se estabeleceu entre nós. Havia um elo fortíssimo que a todos nos unia: todos éramos igualmente apaixonados pela carreira que havíamos escolhido — carreira essa que, cá como lá, como me foi dado observar, vive mais de paixão pessoal e de dedicação do que de retribuição monetária compatível. O mal de muitos consolo é... ainda que triste consolo, convenhamos.

3. Do escopo do curso — de organização impecável e estudada ao último pormenor — constavam conferências pelos mais representativos e responsáveis bibliotecários britânicos (nomes como os dos Drs. Saunders, Paulin, Humphrey, Thompson, Urquhart e outros são bem familiares aos que manuseiam o «Bulletin de l'Unesco à l'intention des bibliothèques») e de visitas às mais recentes das bibliotecas britânicas (com excepção das do British Museum, catedral de York e John Ryland, para não mencionar, também a da Universidade de Manchester)

3.1. A temática, de modo geral, das conferências ouvidas — e que, no final, eram sempre seguidas por debates que, em certas ocasiões, chegaram a ser vivos e estimulantes — versava as tendências modernas ou as perspectivas do que os próximos dez anos hão-de trazer de novidade às bibliotecas britânicas, quite, cada um de nós, de tirar as mais aproveitáveis conclusões para as aplicar à sua biblioteca em especial, ou, se possível, ao seu país.

Com especial relevo foram focados os problemas das futuras instalações arquitectónicas das bibliotecas a construir em dias próximos — e cabe aqui referir a insistência com que nos foi chamada a atenção para a essencial colaboração que necessariamente tem de existir entre os arquitectos e os bibliotecários para que o edifício não venha a ser nem uma fábrica nem uma loja de modas, mas sim um laboratório de ideias e de cultura — e os serviços de empréstimo ou para leitores de categoria especial, tais como doentes internados em hospitais, invisuais, prisioneiros, etc.

3.2. Das 17 bibliotecas visitadas, as que mais me impressionaram foram, em Londres, a biblioteca do distrito de Hampstead, Camden Town, inaugurada em 1965 e, em Wakefield, a regional Central. Uma, como «pequena» biblioteca citadina e a outra como central e cabeça de dezenas de bibliotecas satélites e camionetas-itinerantes, são espantosas de eficiência e de volume de leitores servidos.

4. Os serviços técnicos que tive ocasião de ver não são, regra geral, novidades que, teòricamente não se conheçam, entre nós. Isto é: na sua grande maioria a montagem dos serviços segue normas que, em teoria, tenho visto explanadas nos mais modernos tratados de biblioteconomia. O que, para mim, constitui, porém, a grande aliciante foi ver, realizado na prática, tanto serviço que, por vezes me tem despertado a atenção. Não quero com isto dizer que, entre nós, não haja bibliotecas onde estes e outros departamentos não tenham já uma existência real. Simplesmente — nunca os vi. Daí a surpresa que tive ao anotá-los, e o desejo, que em mim nasceu, de, se tal me for possível, os acrescentar aos existentes na biblioteca onde trabalho. Creio até que qualquer outra reacção de minha parte é que mereceria crítica, pois afigura-se-me que todo o técnico (e que somos nós senão técnicos, ainda que não reconhecidos oficialmente como tal?) que realmente goste do seu serviço anseia por vê-lo sempre atualizado e melhorado, e procura tirar o máximo proveito da experiência alheia a bem da sua.

4.1. Os Bibliotecários britânicos, tal como nós aqui, consideram-se, na sua grande maioria, mal pagos. Sei que ao escrever esta afirmação vou de encontro a uma corrente de opinião que existe entre os bibliotecários portugueses de que lá fora todos os colegas auferem vencimentos vultuosos. Assim não sucede, porém, pelo menos nos países reunidos neste Curso. Uma das notas predominantes das nossas conversas era a disparidade de vencimentos que há entre as entidades particulares e as oficiais — no caso da Grã-Bretanha, por exemplo, essa

disparidade é ainda mais flagrante na medida em que, dentre os bibliotecários de repartições oficiais, há também grande diversidade de vencimentos. As mais recentes bibliotecas universitárias, por exemplo, pagam aos seus bibliotecários como se eles fossem «lecturers» ou membros do corpo docente universitário. Mas nas mais antigas assim não sucede — e como conclusão os bibliotecários «fogem» para essas bibliotecas mais modernas, já que aí a retribuição monetária é mais alta.

4.2. A Catalogação tende a uma simplificação espantosa. Tudo quanto, de algum modo, possa entrar a colocação, tão rápida quanto possível, do livro na mão do leitor, é irremediavelmente condenado. Cheguei a ver bibliotecas onde se caía no exagero oposto, isto é, a catalogação das obras limitava-se à organização de uma muito esquemática «accession list» onde o livro só surgia sob o sobrenome do autor, título, data e editor. Mais nada. De-resto tal prática mereceu os maiores reparos mesmo por parte dos outros bibliotecários britânicos presentes que a achavam por demais exagerada. Mas, dum modo geral, todos os serviços internos de uma biblioteca estavam reduzidos a linhas esquemáticas, muito simplificadas. Numa das bibliotecas visitadas — Central de Wakefield — onde o volume diário de compras é fantástico — 1 200 a 1 500 obras — a catalogação das espécies é feita pela própria entidade vendedora, segundo normas específicas que a Central lhe fornece. Com pequeno acréscimo do preço de capa (a orçar pelos 2\$50) alivia-se, assim, o trabalho da biblioteca central, que fica apta a reenviar às bibliotecas satélites, em tempo verdadeiramente recorde, as novas aquisições.

4.3. A montagem destas obras é feita segundo os princípios da Classificação de Dewey. Das já mencionadas 17 bibliotecas visitadas — e que são verdadeiramente representativas, quer pelo volume de obras, quer pela montagem dos serviços — só duas não possuem a Dewey: a do British Museum, que aplica a mesma classificação desde que foi criada no século XVIII, e a National Library of Science and Technology, que aplica a CDU. De resto, como bem sabemos todos, entre a Dewey e a CDU há uma perfeita justaposição de princípios. E o facto de uma dessas classificações ser a mais popular na Grã-Bretanha poderá ser explicado pelo facto de ter sido a primeira a ser conhecida e aplicada.

Creio que esta circunstância fala mais alto que as afirmações gratuitas que já todos temos ouvido sobre «os dias contados» que estas classificações têm. Assim se demonstra à saciedade que, mau grado os seus defeitos — de que todos nós, de-resto, estamos bem cientes — ainda é na DC ou na CDU que se encontra a melhor resposta para uma autêntica classificação sistemática.

4.4. Os Serviços de Extensão Bibliotecária são dos mais vastos de que tenho conhecimento. Repartem-se por variados departamentos mas, de todos quantos vi em acção, aqueles que mais me impressionaram foram os seguintes:

4.4.1. — *Empréstimos* — A nível nacional — por intermédio na National Central Library que actua, nas mais das vezes, como veículo transmissor do pedido de uma biblioteca para outra onde, graças ao Union Catalogue, se sabe que a obra requerida existe — e internacional, em que a mesma NCL actua como fiador, transmitindo às entidades estrangeiras com quem mantém este serviço não só o pedido da obra, como a sua garantia de que o livro não correrá risco de extravio uma vez dentro da GB. Tive o ensejo de ser informada de que a Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra era uma das poucas bibliotecas portuguesas abrangida por este serviço que, como muito bem se entende, é de sentido duplo, isto é, da GB para fora e de fora para a GB.

4.4.2. — *Bibliotecas satélites* — Em Wakefield, para se servir a uma população de 1 000 000 de habitantes espalhada por uma larga área, a Biblioteca Central dispõe de 65 bibliotecas-satélites fixas. São estas, pequenos imóveis de carácter eminentemente funcional, de poucas divisões, destinadas a leitura em «open-access» e, portanto, sem sala de leitura e com a frontaria toda envidraçada «para que — no dizer do seu activíssimo bibliotecário-chefe, sr. Murison — quem passa na rua veja que o bibliotecário é um ser humano que trabalha pelos e para os outros e não passa o dia inteiro a ler livros». Estas palavras achamo-las tão esclarecedoras de uma atitude perante o bibliotecário que não resistimos a delas tomar imediata nota e agora a transmiti-las aos Colegas, confirmando, assim, o que já atrás ficou dito: lá como cá, os mesmos problemas angustiam os bibliotecários...

Cada uma destas bibliotecas tem um recheio que está na directa relação do agregado populacional a servir. Anote-se, porém, que há um imposto «per capita» desse mesmo agregado, que reverte integralmente para os serviços da biblioteca.

4.4.3. — *Bibliotecas Itinerantes* — São imensas — e aqui mais uma vez me socorro do que vi em Wakefield que dispõe de 35 veículos com capacidade que vão de um mínimo de 1 000/1 500 obras (quando sirvam comunidades rurais) a 2 800/3 000 (para centros urbanos). Veículos altos, espaçosos, com duplo acesso para estabelecimento de corrente de entrada e saída para os leitores, estas camionetas percorrem o distrito em todos os sentidos estacionando por largo tempo nos locais mais centrais, em especial nos dias de maior movimento comercial.

4.4.4. — *Departamento Sonoro* — Duas são as subdivisões que se podem considerar neste departamento: a secção musical propriamente dita, que dispõe de largo número de discos (quase todos clássicos, mas com alguma «pop-music» metida pelo meio, na medida em que a reconhecem como símbolo de uma época) que tanto podem ser escutados na própria biblioteca (Camden Town sendo um dos poucos exemplos que vimos de biblioteca dispor de gabinetes à prova de som para tal fim) como em casa mediante requisição e caução de 120\$00 por ano; — e a secção de «livro-falado» («talked-book») que visa servir os invisuais possibilitando-lhes o estudo dos trechos clássicos ou de leitura amena de que precise para se preparar para exames

ou para passar o tempo. Foi esta, para mim, a secção que mais me encantou e que mais projectos me tem feito bailar na ideia. Que bela perspectiva aqui se abre às nossas bibliotecas! Assim o fiz presente às entidades que superiormente regem a minha e ansiosamente aguardo o que se lhes ofereça dizer a tal respeito. Numa época, como esta, que tanto começa a preocupar-se com a recuperação do diminuído físico a fim de lhe dar na sociedade o lugar a que a sua inteligência e capacidade intelectual lhe dão direito, uma perspectiva destas abre largos campos de acção às nossas bibliotecas.

Também este departamento auxilia o interessado a estudar línguas estrangeiras servindo-se dos cursos gravados que diversas entidades têm organizado.

5. Muitos outros ainda foram os tópicos versados no decorrer deste intensíssimo curso em que só à noite, depois de um jantar «tardio» (segundo os cânones ingleses...) podíamos trocar impressões uns com os outros. E não foram essas conversas, com a simplicidade com que expúnhamos os nossos respectivos problemas, as horas menos proveitosas que passámos. Como diria no fim uma nossa colega bibliotecária, muitos dos conhecimentos que adquirimos poderão, por vezes, confundir-nos quanto ao local onde os vimos ou ao conferente que no-los indicou. Mas, em compensação, o convívio internacional que tivemos e a noção que ganhamos de que os nossos problemas e dificuldades particulares são afinal, nas mais das vezes, os mesmos que vimos debater em países bem longínquos, nos dará, para sempre, uma espécie de consciência a nível mundial dos males ou das lutas com que, em todas as latitudes, se debatem os outros Colegas que ao mesmo ideal e à mesma tarefa se devotaram. E se essa consciência nada resolve, ajuda, pelo menos, a esperar com mais confiança a chegada de melhores dias para os Bibliotecários do Mundo.

MARIA FERNANDA CONSTANTE DE BRITO
Biblioteca Pública Municipal do Porto